

VARIAÇÃO DIATÓPICA DO /l/ PÓS-VOCÁLICO EM COMUNIDADES BAIANAS

Robervaldo Correia dos Santos (UFBA)¹
bem_fsa@hotmail.com

Jacyra Andrade Mota (UFBA/CNPq)²
jacymota@gmail.com

RESUMO: No português brasileiro (PB), o fonema /l/ sofre variações em final de sílaba, realizando-se de diferentes formas, a exemplo das palavras “sal”, “alto” e “bolso” que, respectivamente, podem ser realizadas como “sa[w]”, “sa[l̥]” ou “sa[Ø]”, “a[w]to”, “a[l̥]to” ou “a[h]to” e “bo[w]so”, “bo[l̥]so”, “bo[h]so” ou “bo[Ø]so”. No território baiano, estudos apontam uma tendência à mudança em favor da variante semivocalizada [w], Teixeira (1988) e Santos (2015; 2017). O objetivo deste artigo é apresentar a análise da realização de /l/ em posição final de sílaba na fala de comunidades baianas, confrontando duas variedades do português brasileiro: urbana e rural, perseguindo o viés diatópico do modelo metodológico da Geolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia; Geolinguística; Variação diatópica; /l/ pós-vocálico.

ABSTRACT: In Brazilian Portuguese (PB), the phoneme /l/ undergoes variations in post-vowel position, taking place in different ways, such as the words “sal”, “alto” and “bolso” which, respectively, can be performed as “sa[w]”, “sa[l̥]” or “sa[Ø]”, “a[w]to”, “a[l̥]to” or “a[h]to” and “bo[w]so”, “bo[l̥]so”, “bo[h]so” or “bo[Ø]so”. In Bahia, studies show a tendency to change in favor of the semivocalized variant [w], Teixeira (1988) and Santos (2015; 2017). The objective of this article is to present the analysis of the realization of /l/ in the final syllable position in the speech of baiana communities, confronting two varieties of Brazilian Portuguese: urban and rural, pursuing the diatopic bias of the methodological model of Geolinguistics.

KEYWORDS: Dialectology; Geolinguistics; Diatopic variation; /l/ in coda.

1 Introdução

O fonema /l/ sofre variações em posição pós-vocálica, realizando-se de diferentes formas, a exemplo das palavras “sal”, “alto” e “bolso” que, respectivamente, podem ser realizadas como “sa[w]”, “sa[l̥]” ou “sa[Ø]”, “a[w]to”, “a[l̥]to” ou “a[h]to” e

¹ Doutorando pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), bem_fsa@hotmail.com.

² Prof.^a. Dr.^a. da Universidade Federal da Bahia (UFBA/CNPq), jacymota@gmail.com.

“bo[w]so”, “bo[ɫ]so”, “bo[h]so” ou “bo[Ø]so” no português brasileiro (PB), como assinalam diferentes estudos: Teixeira (1988), Sá (2006), Leite, Callou e Moraes (2007) e Santos (2015; 2017).

O presente artigo busca mostrar a realização de /l/ pós-vocálico na fala de comunidades baianas, confrontando duas variedades do português brasileiro: urbana e rural, pautando-se no modelo teórico da Geolinguística (CHAMBERS e TRUDGILL, 1994) e da Geolinguística pluridimensional (THUN, 2005; CARDOSO, 2010) e em diferentes estudos do /l/ em posição de coda silábica no PB (TEIXEIRA, 1988; SÁ, 2006; LEITE, CALLOU e MORAES, 2007; SANTOS, 2015 e 2017; entre outros).

Pretende-se verificar a diferença percentual das variantes de /l/ pós-vocálico em variedades urbana e rural, admitindo-se que as diferenças nos percentuais de ocorrência das variantes apontam para diferentes quadros de variação em comunidades baianas.

A realidade atual a respeito do conhecimento da realização variável de /l/ em posição de coda ainda não apresenta um retrato abrangente do fenômeno em comunidades baianas. Nesse sentido, a análise do /l/ no âmbito do território baiano possibilita conhecer melhor o comportamento do referido fenômeno em comunidades linguísticas desse espaço geográfico.

2 Primeiras referências ao /l/ pós-vocálico no PB

Na primeira metade do século XX no Brasil, três importantes estudos destacaram a variação do /l/ pós-vocálico no PB: “O dialeto caipira” de Amaral (1955 [1920]), “O linguajar carioca” de Nascentes (1953 [1922]) e “A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco” de Marroquim (1934). Em termos de periodicidade, os estudiosos da dialetologia brasileira os classificam como pertencentes à segunda fase dos estudos dialetais no Brasil, compondo a tríade de estudos monográficos da dialetologia brasileira.

Amaral (1955 [1920]), o primeiro a estudar cientificamente um dialeto regional no Brasil, em 1920, publicou a obra “O dialeto caipira”, dedicado ao estudo do linguajar



do caipira paulista da área do vale do rio Paraíba, analisando fatos fônicos, morfossintáticos e lexicais. Nessa obra, Amadeu Amaral trata de caracterizar uma variedade do falar brasileiro enquanto aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo. O autor destaca que, por volta do final do século XIX e início do século XX, esse dialeto “caipira³” era utilizado pela maioria da população, atingindo até mesmo as pessoas cultas, “educadas” e “bem falantes”. Esse caipirismo estava presente tanto na linguagem como em todas as manifestações da vida provinciana.

Segundo Amaral (1955 [1920]), com a substituição da mão de obra escrava pelo trabalho assalariado, a população negra foi afastada da convivência com os brancos, e os “roceiros” e “ignorantes” também foram postos de lado e lançados às margens da vida coletiva, fatores que subtraíram a influência dessas pessoas na variedade do português falada na província paulistana e que contribuíram para a modificação de aspectos do dialeto caipira. A essa alteração somam-se o crescimento da população, a constituição de vias de comunicação por toda parte, a intensificação do comércio, as trocas de relações entre os pequenos centros populosos antes isolados e o contato permanente com o exterior.

Dessas considerações, ressalta-se que, em 1920, o dialeto caipira se acharia em localidades que não acompanharam o movimento do progresso geral e na boca de pessoas idosas, fruto da antiga educação. Em luta com outras variedades, esse remanescente caipira estaria condenado ao desaparecimento, deixando sua influência e marcas ao seu substituto, uma vez que, conforme Amaral (1955 [1920]), naturalmente, o falar brasileiro segue sua evolução de modo autônomo, divergindo do português peninsular.

Destaque-se aqui a variação do /l/ em final de sílaba enquanto aspecto da variedade do português paulistano tratado em “O dialeto caipira”. Amaral (1955 [1920]) aponta que, nesse contexto, essa consoante passa a *r*, a exemplo de “quarquér”, “papér”, “mér” e “arma” por “qualquer”, “papel”, “mel” e “alma”, respectivamente. Em locuções como “tal qual” e “mal, mal” há o apagamento do último *l*, visto que o primeiro se torna

³ Os termos entre aspas reproduzem Amaral (1955 [1920]), Nascentes (1953 [1922]) e Marroquim (1934).

intervocálico, “talequá” e “malemá”. Segundo o autor, as palavras terminadas em *al*, *el* e *il* sofrem apócope da consoante final por força de “leis rígidas” da fonética dialetal; no entanto, antes do apagamento desse segmento, primeiro o *l* mudou-se em *r*: “mal”, “sol”, “jornal” > “már”, “sór”, “jornár” > “má”, “só”, “jorná”. Aponta-se ainda que esse fenômeno era mais frequente entre os negros, os quais, quando no mesmo meio, se diferiam linguisticamente dos brancos e dos “caboclos”, nos termos de Amaral (1955 [1920]).

A obra “O linguajar carioca”, de Nascentes, publicada em 1953, teve sua primeira edição em 1922 com o título “O linguajar carioca em 1922”. Para exemplificar a abordagem do dialetólogo sobre os aspectos da língua, destaca-se o que é dito a respeito da consoante /l/ em coda silábica no âmbito da variação fonética.

Ao tratar das consoantes simples, o autor menciona a variação do /l/ em contexto de coda silábica: “O *l* final é pronunciado levemente pela classe culta; os pedantes exageram-no. A classe semiculta vocaliza-o diante de *a*, *e*, *i*, num *u* vogal que tem de comum com ele a qualidade de velar” (NASCENTES, 1953, p. 48), a exemplo de *sol/só*, *qual/quau/quá*, *papel/papeu/papé*, *Brasil/Brasiu/Brasi*.

O segmento em questão também é citado ao tratar das “consoantes ligadas”, nas palavras do autor:

O *l* seguido de consoante. Na classe inculta passa para *r*, pelo mesmo motivo acima apontado nas consoantes seguidas de *l*: *Albino-arbino*, *calcar-carcá*, *maldito-mardito*, *alfandega-arfandega*, *algum-argum*, *alma-arma*, *golpe-gorpe*, *falso-farso*, *falta-farta*, *alvo-arvo*, *colcha-corcha*, *colza-corza*. (NASCENTES, 1953, p. 55)

Em “A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco” de Marroquim (1934), no prefácio da obra, Gilberto Freire considera “tratar-se, antes de tudo, de uma autêntica pesquisa de campo; de um livro de quem estudou a língua portuguesa, não apenas nas páginas dos livros eruditos e dos tratados acadêmicos, mas entre os homens” (MARROQUIM, 2008 [1934], p. 13). Nesse sentido, conforme se vê nas descrições do



trabalho, o estudo de Marroquim não somente apresenta um retrato do dialeto de Alagoas e Pernambuco daquela época, mas a compreensão de fenômenos linguísticos presentes no português do Brasil ao longo de sua trajetória.

Sabedor das dificuldades de se empreender um único estudo da língua portuguesa em sua variedade brasileira que abarcasse o amplo território geográfico, Marroquim (1934) postulou que, para tal empreendimento, se fazia necessário primeiramente levantar estudos a respeito das variedades da língua nas diferentes regiões que compõem o país. De posse desses trabalhos, as futuras gerações obteriam materiais subsidiários para a composição de um retrato mais amplo da realidade linguística do Brasil. O autor observa que a trajetória da variedade do português falado no Brasil diverge da versão europeia, ambas se encaminhando em diferentes sentidos. Evoca-se a imagem de um triângulo cujo ápice representaria o século XVI e os lados o falar brasileiro e o falar português, de modo que tendem a se encaminhar em diferentes direções, motivados por fatores os mais variados, sejam estruturais, sociais ou/e históricos. O autor destaca que o dialeto brasileiro não causa vergonha aos seus falantes.

Dos aspectos da língua tratados por Mário Marroquim em a “Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco”, destaque-se a abordagem da fonologia do falar brasileiro, em especial a do falar do Nordeste, pronúncia que o autor descreve como “demorada” e “arrastada” em contraste com a prosódia lusitana, áspera e enérgica. Fenômeno verificado pelo autor na variedade brasileiro do português é a troca do *l* pelo *r* na linguagem popular, como em “carçada”, “sordado” e “arvura” por “calçada”, “soldado” e “alvura”.

Considerando que língua tupi não tinha o fonema /l/ e contrariando a ideia de que esse fenômeno tivesse influência de uma língua geral de base tupi, falada em grande parte da costa brasileira durante o processo da invasão europeia na parte Sul do continente americano, uma vez que o “matuto” do nordeste não pronunciava o *l* medial, transformado em *r*, e o final, apagando, Marroquim (1934, p. 32) questiona: “será isso, porém, uma influência da língua geral?”. Na concepção do autor, esse fenômeno é verificado na passagem do latim ao português e foi trazido de Portugal para o Brasil.

A exceção do *s* indicativo de pluralidade em determinados contextos como em determinantes – artigos e numerais, por exemplo –, Mário Marroquim verificou que, na língua do povo, as consoantes finais se apagam ou são vocalizadas. Nessa proposição, depois da passagem do *l* a *r*, processa-se a semivocalização do último. Trata-se de um fenômeno geral na pronúncia popular nordestina, principalmente entre as populações rurais, de modo que o *r* aparece em substituição ao *l* e o *i* é resultante da semivocalização do *r*, a exemplo de “arvura”, “aivura”, de “alvura”.

Vê-se que a variação do /l/ pós-vocálico é um fenômeno registrado em diferentes variedades do PB na primeira metade do século XX e verificado na literatura arcaica dos portugueses de então. Nesse sentido, o que se busca é o conhecimento da atual configuração da variação desse fenômeno, em especial, no território baiano.

3 Estudos sociolinguísticos do /l/ em coda no PB

Ao analisar os dados da comunidade de Saco Fundo, povoado de Monte Santo na Bahia, Teixeira (1988) verificou que a variável /l/ em posição pós-vocálica apresentou as realizações velarizada [ɫ], semivocalizada [w], aspirada [h] bem como seu apagamento ([Ø]). Quanto à distribuição dessas variantes nas posições interna e externa de palavras, Teixeira (1988) constatou que a aspiração [h] da consoante somente ocorre em posição interna e a realização alveolar [lⁱ] em posição externa, com pouquíssimas ocorrências em posição interna.

No que tange aos fatores externos, os dados de Teixeira (1988) revelaram que a variante semivocalizada [w] está substituindo as variantes [ɫ] e [lⁱ] na fala dos habitantes da comunidade, de modo que as duas são praticamente inexistentes na fala dos informantes mais jovens, decrescendo no grupo de meia idade em relação aos mais velhos. Teixeira (1988) sugere que o apagamento [Ø], por sua vez, parece funcionar como uma extensão da semivocalização [w], de modo que a mudança apresenta o seguinte direcionamento: [ɫ] > [w] > [Ø].



Em estudo contrastivo do /l/ em coda silábica no português do Brasil com o respectivo segmento no espanhol, Sá (2006, p. 7) diz que “[...] a forma vocalizada [w] parece constituir a tendência geral no dialeto brasileiro. Isso evidencia o caminho da evolução do /l/, apontando a vocalização como resultado mais inovador”, sendo que, nas regiões que não constituem grandes centros urbanos, registram-se formas estigmatizadas, como, por exemplo, as realizações glotais e a variante [Ø].

Leite, Callou e Moraes (2007), com base em dados do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), evidenciam que as cidades brasileiras de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife apresentam estágios diferentes quanto à implementação da variante semivocalizada. Considerando a faixa etária dos informantes, essa variante encontra-se em estágio avançado entre a população mais jovem.

Pinho e Margotti (2010), com base nos dados do projeto ALiB de todas as capitais brasileiras, sugerem que o processo de semivocalização do /l/ pós-vocálico no PB surge na capital e se propaga para o interior:

Isso pode ser explicado pela relação capital x interior. Sabemos que na capital é que está o poder político/econômico. Esses poderes aliam-se ao fato de que na capital é que ocorrem as mudanças de toda sorte de manifestação sociocultural. Como a língua está atrelada à cultura e ao poder, é fácil compreender que a capital saia também inovando no campo linguístico, adotando as formas que serão consideradas pertencentes ao “padrão”, ao “bom uso da língua”. (PINHO e MARGOTTI, 2010, p. 73)

Desse modo, verifica-se que a realização do /l/ pós-vocálico no PB continua pelas sendas da heterogeneidade linguística, como se verificou anteriormente na trilogia que abriu os caminhos dos estudos dialetais brasileiros: Amaral (1955 [1920]), Nascentes (1953[1922]) e Marroquim (1934).



4 O papel da Geolinguística pluridimensional

A Geolinguística ou Geografia Linguística é entendida como o método próprio dos estudos dialetais pelo qual se busca mapear a realidade linguística de comunidades geograficamente situadas. Visitando a história dos estudos dialetais, compreende-se como se desenvolveu essa metodologia, inicialmente apenas diatópica, no tratamento da variação linguística, passando posteriormente a assumir também princípios da sociolinguística em suas análises, abarcando a pluridimensionalidade da variação nos planos geográfico e social.

Ao tratar da Geolinguística, Cardoso (2010, p. 15) diz que “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”, o que agrega à análise dialetal a variação social. Nesse sentido, Thun (2005, p. 68), um dos pesquisadores que desenvolveu o conceito de Dialetologia pluridimensional, diz que “será, pois, uma das tarefas mais importantes dessa geolinguística, a ‘dupla realização’ que vai da superfície ao eixo social ou, no movimento inverso, do eixo social à superfície”. Dessa forma, muitos linguistas passaram a utilizar o termo “pluridimensional” como adjetivo: dialetologia pluridimensional, atlas pluridimensional, geolinguística pluridimensional etc.

5 Metodologia

A análise espacial do fenômeno será feita a partir de resultados gerais apresentados em Santos (2015), sobre a análise sociolinguística da variação da lateral pós-vocálica /l/ no português quilombola de Alto Alegre, comunidade pertencente ao município baiano de Tancredo Neves, e Santos (2017), sobre a realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em comunidades baianas que constam do Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), considerando os critérios metodológicos utilizados nessas pesquisas.



5.1 Caracterização do *corpus* em Santos (2015)

O *corpus* analisado pertence ao Projeto de pesquisa “A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre: análise sociolinguística”, coordenado pelo professor Dr. Gredson dos Santos, que buscou investigar se a intensidade da variação das consoantes /s/, /l/, /r/ pós-vocálicas no português da comunidade poderia ser associada à história de contato entre o português e as línguas africanas faladas pelos escravos que fundaram a comunidade. A análise da variável /l/ é resultante de um plano de trabalho que, juntamente com as análises de /r/ e /s/, buscou subsidiar o referido projeto.

Os 12 informantes eram escolarizados no máximo até a 4ª série do Ensino Fundamental e foram estratificados segundo sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa 1: 20-40; faixa 2: 41-60; faixa 3: acima de 60). A amostra estudada é composta por 444 ocorrências marcadas pela presença do fenômeno variável em posição de coda, não seguida de vogal. As ocorrências foram analisadas separadamente em três contextos e sistematizadas em três arquivos: final absoluto; final seguido de vocábulo; interior de vocábulo. Foram encontradas três variantes de /l/ pós-vocálico na fala da comunidade: semivocalização [w], aspiração [h], apagamento [Ø].

5.2 Caracterização do *corpus* em Santos (2017)

São utilizadas 24 entrevistas com informantes naturais dos seguintes municípios baianos, integrantes da rede de pontos do Projeto ALiB: Euclides da Cunha; Barra; Jacobina; Seabra; Santo Amaro; Santa Cruz Cabralia, sendo 4 informantes de cada cidade, com nível de escolaridade até o Ensino Médio, distribuídos entre os dois sexos e duas faixas etárias (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos), conforme metodologia do Projeto ALiB.

Verificou-se a ocorrência de 4 variantes de /l/ pós-vocálico: semivocalização [w], aspiração [h], apagamento [Ø] bem como a realização velarizada [ɫ] na fala de um dos informantes da localidade de Seabra.



6 Discussão dos resultados

As tabelas 1 e 2 apresentam a distribuição geral dos dados das variedades, respectivamente, rural e urbana do PB em comunidades baianas, considerando a posição das variantes no vocábulo. Já as tabelas 3 e 4 permitem visualizar a distribuição dos dados por localidade, de modo que possibilite confrontar os resultados dessas duas variedades.

6.1 Variedade rural

Na Tabela 1, referente à distribuição das variantes pela posição no vocábulo na variedade rural, vê-se que as três variantes registradas na fala da comunidade, semivocalização [w], aspiração [h] e apagamento [Ø], marcam presença apenas em posição interna, visto que a variante aspirada [h] ficou restrita a esse contexto. De um total de 444 ocorrências, 52% se concentram em posição interna de vocábulo. Desse percentual, se destaca o valor apresentado pela variante aspirada [h], com 40%, índice bastante alto para uma variante, em geral, socialmente estigmatizada, em especial entre os escolarizados e nos grandes centros urbanos. A rejeição a essa variante é experimentada principalmente no contexto escolar em favor de um “padrão” e, geralmente, é atribuída ao falar das pessoas de procedência rural. Sá (2006) apontou que essa variante estigmatizada marca presença nas regiões que não constituem grandes centros urbanos.

Retomando o que disse Amaral (1955 [1920]) a respeito da transformação de /l/ em uma consoante aspirada antes de seu apagamento (primeiro o *l* mudou-se em *r*: “mal”, “sol”, “jornal” > “már”, “sór”, “jornár” > “má”, “só”, “jorná”) e que esse fenômeno seria mais frequente entre os negros, os quais, quando no mesmo meio, se diferiam linguisticamente dos brancos e dos “caboclos”, compreende-se que o referido estigma, especificamente, sobre as variantes [h] e [Ø], registrado ao longo da sócio-

história do PB, não é recente. Nessa esteira, Nascentes (1953) atribui a transformação de /l/ pós-vocálico em consoante aspirada [h] à classe inculta.

Tabela 1: Distribuição das variantes pela posição no vocábulo na variedade rural

Posição	[h]	[Ø]	[w]
Interna			
Nº	91/228	24/228	113/228
%	40/100	10/100	50/100
Final seguida de consoante			
Nº			
%	0/143	60/143	83/143
	0/100	42/100	58/100
Final absoluta			
Nº	0/73	32/73	41/73
%	0/100	44/100	56/100
Total			
Nº	91/444	116/444	237/444
%	21/100	26/100	53/100

Como mostra a Tabela 1, a concorrência entre as variantes [Ø] e [w] é verificada em posição final de palavra, tanto em contexto final absoluto quanto em final seguido de consoante. Nesse contexto, a variante [Ø] obteve o percentual de 42% em posição final seguida de consoante e 44% em posição final absoluta. Esses índices são também altos em comparação aos resultados obtidos em Santos (2017), de amostras de variedade urbana do PB, que apresentou 8% e 14%, para esses contextos. Considerando ainda o total dos resultados apresentados na tabela 1, a aspiração [h] e o apagamento [Ø] registraram 21% e 26%, respectivamente, enquanto a semivocalização [w], 53%. Verifica-se que as variantes consideradas socialmente estigmatizadas, [h] e [Ø], ainda ocorrem com bastante frequência na fala dos membros da comunidade quilombola de Alto Alegre.

6.2 Variedade urbana

Na Tabela 2, referente à variedade urbana do PB, são apresentados os resultados gerais, considerando a distribuição das variantes pela posição no vocábulo. Foram

registradas 4 variantes de /l/ pós-vocálico: semivocalização [w], aspiração [h], apagamento [Ø] bem como a realização velarizada [ɫ]. Essa última pouco representativa na amostra, restrita a apenas um dos 24 informantes.

Santos (2017) consultou a ficha do informante responsável pela realização velarizada de /l/ com o objetivo de identificar algum fator que possivelmente pudesse exercer influência sobre esse fenômeno e verificou que se trata de um indivíduo do sexo masculino da faixa etária 2 (50 a 65 anos), natural do município baiano Seabra, filho de pais naturais de Cachoeirinha, município do Rio Grande do Sul, sendo seu cônjuge também natural deste mesmo município. Nesse sentido, considerando que a variante velarizada [ɫ] de /l/ pós-vocálico é bastante frequente na maioria dos dialetos falados na região Sul do Brasil, Santos (2017, p. 83) entendeu que é possível atribuir à origem (naturalidade) dos pais do informante a influência na realização velarizada de /l/.

A variante aspirada [h], assim como se verificou nos resultados da comunidade de Alto Alegre, marcou presença apenas em posição interna de vocábulo, registrando 5% do total. Nesse mesmo contexto, o registro de apagamento [Ø] foi de 15%, o de semivocalização [w], 80%. As ocorrências das variantes em posição interna de vocábulo representaram 50% do total geral.

Tabela 2: Distribuição das variantes pela posição no vocábulo na variedade urbana

Posição	[ɫ]	[h]	[Ø]	[w]
Interna				
Nº	0/1285	56/1285	197/1285	1032/1285
%	0/100	5/100	15/100	80/100
Final seguida de consoante				
Nº	6/540	0/540	45/540	489/540
%	1/100	0/100	8/100	91/100
Final absoluta				
Nº	17/750	0/750	101/750	632/750
%	2/100	0/100	14/100	84/100
Total				
Nº	23/2575	56/2575	343/2575	2153/2575
%	1/100	2/100	13/100	84/100

A Tabela 2 mostra que o apagamento [Ø] apresentou índices de 8% e 14% em posição final interna e final absoluta, respectivamente, enquanto a semivocalização [w] marcou índices percentuais altos, 91% em final seguida de consoante e 84% em final absoluta. Do total geral, vê-se que as ocorrências registradas foram de apenas 2% para a aspiração [h], 13% para o apagamento [Ø] e 84% para a semivocalização [w].

Os dados da Tabela 2 revelam que a variante semivocalizada se encontra amplamente difundida entre os falantes dos centros urbanos do território baiano, com índices percentuais bastante altos, 84%.

6.3 Confrontando variedades

A tabela 3 apresenta a distribuição das variantes na variedade urbana por localidade e demonstra os números e percentuais de ocorrência de cada variante de modo que pode ser comparada com a tabela 4 que apresenta a distribuição das variantes na variedade rural, com seus números e percentuais de ocorrência.

Destaque-se inicialmente que, na tabela 3, a variante aspirada [h] apresentou índices baixos de ocorrência em todas as localidades urbanas, girando em torno de 1% (Euclides da Cunha, Barra, Santo Amaro), 2% (Santa Cruz Cabralia), 3% (Jacobina) e 6% (Seabra). Já na tabela 4, essa variante registrou 21% de frequência na variedade rural de Alto Alegre.

Tabela 1: Distribuição das variantes na variedade urbana por localidade

Localidades urbanas	[h]	[Ø]	[w]	
E. da Cunha				
Nº	0/672	9/672	61/672	602/672
%	0/100	1/100	9/100	90/100
S. Cruz Cabralia				
Nº	0/513	8/513	83/513	422/513
%	0/100	2/100	16/100	82/100
Barra				
Nº	0/395	6/395	45/395	344/395
%	0/100	1/100	11/100	87/100
Santo Amaro				
Nº	0/372	2/372	51/372	319/372

%	0/100	1/100	14/100	86/100
Seabra				
Nº	23/352	22/352	48/352	259/352
%	6/100	6/100	14/100	74/100
Jacobina				
Nº	0	9	55	207
%	0/100	3/100	20/100	76/100

Os percentuais de ocorrência da variante apagamento [Ø] na tabela 3 registraram índices entre 9% e 20%. Comparando esses percentuais com os apresentados na tabela 4, vê-se que essa variante ocorreu com frequência um pouco maior, registrando-se 26%. Já a variante semivocalizada [w], responsável por maiores índices de ocorrências, conforme tabela 3, registrou frequência de até 90% na localidade de Euclides da Cunha. Seu menor percentual foi de 74% na localidade de Seabra. A tabela 4 mostra que a semivocalização [w] na localidade rural de Alto Alegre atingiu percentual de 53%, índice bem menor em relação aos registrados nas localidades urbanas.

Tabela 4: Distribuição das variantes na variedade rural

Localidade rural	[h]	[Ø]	[w]
Alto Alegre			
Nº	91/444	116/444	237/444
%	21/100	26/100	53/100

Mesmo com percentuais de frequência maiores das variantes [h] (21%) e [Ø] (26) na localidade rural em comparação com as localidades urbanas, a semivocalização em Alto Alegre, com percentual de 53%, manteve maior índice de registro; no entanto, essa variante apresentou frequência bem menor em relação às localidades urbanas. Nesse sentido, considerando a dimensão diatópica da variação, a análise dos dados aponta que a semivocalização encontra-se bastante difundida nos falares baianos examinados, em estágio mais avançado nas localidades urbanas e menos, em comunidades rurais.



Conclusões

Este artigo buscou apresentar dados sobre a realização de /l/ pós-vocálico na fala de comunidades baianas, confrontando duas variedades do português brasileiro: urbana e rural, pautando-se no modelo teórico da Geolinguística pluridimensional. Verificou-se que as diferenças nos percentuais de ocorrências das variantes do fenômeno apontam para diferentes quadros de variação em comunidades baianas– urbana e rural, de modo que as variantes consideradas socialmente estigmatizadas, [h] (21%) e [Ø] (26%), ainda ocorrem com bastante frequência na fala dos membros da comunidade quilombola de Alto Alegre, variedade rural, e a variante semivocalizada [w] encontra-se amplamente difundida nas duas variedades analisadas, com maior frequência na urbana, com percentual de até 90% em Euclides da Cunha, e com registro um pouco menor na rural, 53%.

Referências

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1955 [1920].
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. 22 ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2007, 22. Lisboa. **Atas...** Lisboa: APL, 2007. p. 423-430.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934]).
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- PINHO, Antônio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português brasileiro. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 2, p. 67-88, 2010.



SÁ, Edmilson José de. O uso variável da lateral /l/ posvocálica em posição de coda em português e espanhol. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, ano 4, n. 7, ago. 2006.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Ellen. **Goldvarb X - a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://www.tarkvara.org/goldvarb/GoldVarb30b3.zip> Acesso em 27 fev. 2020.

SANTOS, R. C. **A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português quilombola de alto alegre**: análise sociolinguística. 2015. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2015.

SANTOS, R. C. **A realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em comunidades baianas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo. **Variação e mudança linguísticas na região de Monte Santo**. 1988. 120 f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

Recebido Para Publicação em 09 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.